

O rinoceronte "democrático"

NUMA entrevista recente ao **Jornal de Brasília**, Ferreira Gullar definiu o Deputado Paulo Maluf como um "rinoceronte gerado no ventre do regime autoritário". Longe de um insulto, com isso o poeta quis dizer que o candidato do PDS não é exatamente um político, e sim um subproduto da militarização da política brasileira nos últimos 20 anos. De acordo com o manual de operações de um alto comando, a vitória sobre o adversário é obtida ao custo de sua eliminação, enquanto no terreno da disputa política profissional o inimigo deve ser realocado, quando não conquistado.

A prática dos generais entregou-se desde o primeiro dia de sua campanha o ex-Governador de São Paulo. Para emergir da Convenção, deixou atrás de si um campo de batalha coalhado de defuntos. Explodiu o Diretório de seu próprio partido e nesse pedessídio exterminou, por sofreguidão, as forças aliadas dos governadores situacionistas, numa autêntica vitória de Pirro, rei grego cujos triunfos mais custavam do que valiam. Por isso, hoje a guerra da sucessão ainda está longe do fim, mas o exército de Maluf deixou de infundir o medo das primeiras escaramuças, a ponto de dar a impressão de que o malufismo virou minoria mesmo sob a tenda do PDS ortodoxo.

Bem ao contrário, o ex-Governador de Minas Gerais, Tancredo Neves, recorreu aos seus dotes de exímio estrategista para duelar dentro das hostes do contendor, depois de medicar feridas internas que ameaçavam transformar numa aventura sua corrida pela Presidência. Após a missa de sétimo dia da emenda Dante de Oliveira, que propunha eleição direta para Presidente, Tancredo firmou o primeiro Acordo de Minas com o seu verdadeiro adversário, Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, que naquele momento via seu sonho de candidato espatifar-se contra 22 votos do Congresso Nacional.

Numa longa conversa no Palácio da Liberdade, ambos ensaiaram uma sinfonia cuja partitura Tancredo havia remetido a Ulysses semanas antes, valendo-se como portador de um amigo comum. "Conheço Ulysses há 30 anos. Nesse período nós sempre estivemos competindo", começou, afinado, o ex-Governador. "Nos últimos tempos nós dividimos a liderança do partido. Ele à frente dos autênticos e eu dos moderados. Mas agora ele precisa entender que apenas eu tenho o apoio dos dois grupos", concluiu a fábula, para em seguida dela tirar a moral da história. "Agora, eu não sou louco. Jamais largaria o Governo de Minas para me atirar numa aventura. Só largo se Ulysses me apoiar."

A resposta a esse desejo dramático foi dada logo na escolha do cardápio que alimentou aquela reunião. Fortemente resfriado, Tancredo avisou o amigo de que se serviria apenas de uma sopa. E indagou do presidente do PMDB o que ele gostaria de comer: "Eu também tomo a sua sopa", respondeu com elegância Ulysses Guimarães. Ao final do longo jantar, os dois, na mais legítima dissimulação pessedista, se recusaram a saciar a fome de curiosidade dos assessores mais próximos narrando uma lenda.

"Isso me lembra os encontros de Filinto Müller com Getúlio Vargas, no Palácio Rio Negro", contou Ulysses. "Eles resolviam tudo em 5 minutos e em seguida ficavam jogando cartas e falando de suas aventuras na adolescência." Terminado o dever de casa, a colheita do candidato da Aliança Democrática já encheu um celeiro de dissidentes, enquanto a geada congela o canto de cigarra de Paulo Maluf, arrependido desde o metralhamento de Mário Andreazza com o desperdício de mais de 100 cartuchos.

O rinoceronte adotou métodos de fazer política que se revelaram muito eficientes enquanto a ditadura intimidava as pessoas e o crédito direto ao consumidor adoçava a boca da classe média, fórmula que ruiu assim que os credores internacionais resolveram cobrar a conta do milagre econômico. Maluf, por exemplo, acha que um bom teste para quem deseja candidatar-se à Presidência da República é saber distinguir entre uma promissória e uma duplicata. Bem-sucedido administrador de empresas e ex-presidente de Associação Comercial, ele elegeu uma máquina calculadora como instrumento de campanha e um computador como articulador eleitoral. As pesquisas dentro e fora do Colégio Eleitoral mostram, contudo, que um sujeito pode saltar de um segundo lugar para o primeiro, desde que tenha um bom programa debaixo do braço e reverta tendências desfavoráveis à sua volta. Nunca se soube é de caso no qual, saindo do último lugar da fila, um candidato ganhou a corrida; isso a bordo de um projeto que, sendo bom, não conquista adeptos; e, ainda por cima, fazendo água por todos os lados.

É possível que Maluf não esteja morto antes do Natal, como parece. Mas custa crer que seu êxito ultrapasse o fato jamais explicado — por políticos ou acadêmicos — de que, materializado nas cinzas do regime, egresso das trevas do autoritarismo, seja ele o anticristo que vem dar lógica à possibilidade de alternância do poder em 1984, contrariando os planos do sistema. Se for assim, ao rinoceronte de Gullar caberia acrescentar o adjetivo democrático.

JOSÉ NEGREIROS

Repórter político da sucursal do JORNAL DO BRASIL em Brasília